Revista Brasileira de Educação em Geografia

AS GEOGRAFIAS DO CORPO E A EDUCAÇÃO (DO) SENSÍVEL NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Camila Xavier Nunes[1]
camilagauche@gmail.com

Nelson Rego[2]
nelson.rego@ufrgs.br

Resumo

A corporeidade, reconhecida como espacialidade, impulsiona uma nova práxis no qual o corpo é entrevisto como dimensão de resistência à homogeneização do espaço e das relações sociais. O corpo como sujeito e objeto, a corporeidade como paradigma ético-estético são importantes subsídios na estruturação dos elementos que compõem o cotidiano. O processo de construção do conhecimento por meio de metáforas corporificadas, conceitos e representações, associadas a uma interpretação instauradora, permite uma análise profunda de si, dos outros e da realidade do mundo. O saber de experiência e a proposição de uma educação (do) sensível indica ser o corpo o grande mediador do fluxo de informações e de espaços de ação.

Palavras-chave

Espaço/Espacialidade. Corpo/Corporeidade. Metáforas Corporificadas. Saber de Experiência. Educação (do) Sensível

BODY GEOGRAPHIES AND SENSITIVE EDUCATION IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY

Abstract

The corporeity acknowledged as spatiality fosters a new praxis in which the body is interviewed as dimension of resistance to homogenization of space and the social relations. The body as an existential base of culture; corporeity as an ethical-aesthetic paradigm and important subside in the structuring of the elements that make up the everyday routine. The process of construction of knowledge through embodied metaphors, concepts and representations associated to an establishing interpretation which enables a deep analysis of the self, the others and the reality of the world. The knowing of experience and the proposition of a sensitive education in which the body is the great mediator of the flow of information and spaces of action.

Key words

Space/Spatiality. Body/Corporeity. Embodied Knowledge. Knowing of Experience. Sensitive Education

---

[1] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Departamento de Geografia. Av. Bento Gonçalves, 9500 Prédio 43113 Campus do Vale Porto Alegre (RS); CEP 91501-900

[2] Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Professor Adjunto no Departamento de Geografia e no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Av. Bento Gonçalves, 9500 Prédio 43113 Campus do Vale Porto Alegre (RS); CEP 91501-900

Incorporações geográficas.

"Senão houvesse humanos na Terra, seria assim: chovia, as coisas se ensopavam sozinhas e secavam e depois ardiam secas ao sol e se crestavam em poeira. Sem dar ao mundo o nosso sentido [...]"

Clarice Lispector

Nosso corpo é o que permite o acesso ao espaço, às pessoas e aos objetos; configura-se como nosso primeiro campo problemático e como escala geográfica elementar. Por meio do corpo estabelecemos nossa individualidade e a sociabilidade, prática que se dá no cotidiano a partir das mais variadas formas de experiências no espaço vivido. O corpo como materialidade sensível permite uma leitura sinestésica do espaço, pois, personifica a singularidade de cada indivíduo sentir e perceber as coisas. A corporeidade perpassa por diferentes escalas espaço-temporais, permite uma apreciação profunda de si, dos outros e da realidade do mundo. É a mais íntima relação do homem com o espaço, deriva das relações que são estabelecidas entre o corpo e o ambiente, o corpo e outros corpos no espaço vivido.

A corporeidade integra toda e qualquer experiência, é um importante instrumento analítico por atravessar e ser atravessada por diferentes discursos, representações simbólicas e imaginárias; possui importante papel no espaço banal, posto que é o seu principal instrumento de ação. Por mediar todas as experiências humanas possibilita a crítica numa escala universal e singular, permite uma análise profunda do ser humano em sociedade, tanto no individual quanto no coletivo, inseridos no âmbito geográfico e social. A percepção, a significação e a reflexão do espaço como produto de inter-relações, representam uma esfera de possibilidades que se encontram em permanente construção e se apresentam como uma educação para a vida, *uma educação (do) sensível* em que o corpo é *locus* da existência e a corporeidade é práxis de um conhecimento corporificado. O espaço como dimensão constitutiva admite a produção de engajamentos que se voltam para ação criativa e transformadora, assim como, à composição de novas espacialidades que recolocam o sujeito no interior do processo de significação do mundo revelando outras geografias.\

Mapeamento do corpo: "o dentro e o fora" da experiência espacial

"[...] não existe nada no conhecimento que não tenha estado primeiro no corpo inteiro, cujas metamorfoses gestuais, posturas móveis e a própria evolução imitam tudo aquilo que o rodeia".

Michel Serres

O corpo é um campo expressivo que nos dá acesso ao mundo, mas, não é apenas um meio onde se armazena as informações e nem lugar em que estas são processadas: o corpo é um constructo proveniente do processo co-evolutivo de trocas com o meio externo. O próprio pensamento é uma experiência corpórea, uma vez que a parceria cérebro-corpo interage indissociavelmente com o meio externo: "retirar a presença do corpo é como retirar o chão em que a mente caminha" (DAMÁSIO, 1996, p. 203).

A cognição humana associada a sua corporeidade evoluiu significativamente devido à capacidade de transgredir leis naturais[3]. Temos pouco conhecimento sobre o processo de construção do conhecimento, e tentar delimitá-lo, enquadrá-lo em leis, regras e métodos, também nos afasta dele. O reconhecimento do corpo como conceito expandido extrapola qualquer metodologia porque é base para diferentes interpretações, uma vez que os limites entre sujeito-objeto tornam-se imprecisos: "no nível da percepção ainda não há uma distinção sujeito-objeto – nós simplesmente estamos no mundo" (CSORDAS, 2008, p. 370). A maioria das palavras, antes de utilizadas discursivamente, existem sob forma de imagens[4]: a base para a adaptabilidade no processo evolutivo teria começado pela elaboração de imagens do corpo em funcionamento ao representar o meio externo e as modificações produzidas a partir dessa interação.

A consciência do corpo ocorre a partir dos estados em que ele se encontra, ou seja, não se dá em partes, as imagens internas são derivadas dos estados corporais que estão em curso e as representações estão intimamente relacionadas à regulação do

[3] Aristóteles definiu o ser humano como *zôon lógon échon*, mas na variante latina os termos gregos *logos* e *zôon* tiveram seus significados e a concepção aristotélica de "*ser vivo dotado de palavra"* foi traduzida como "animal dotado de racionalidade": "Se há uma tradução que realmente trai, no pior sentido da palavra, é justamente essa de traduzir *logos* por *ratio"* (BONDÍA, 2002, p.21).

[4] Damásio (1996) divide essas imagens em dois tipos: as imagens perceptivas surgidas da experiência e as imagens evocadas de um passado real ou a partir de planos para o futuro.

corpo, à sobrevivência e a mente, e apreendidas pelo aparato sensório-motor. A reflexão teórica não é descorporalizada, a mente deriva da comunicação corpo-cérebro e das interações que provém desse diálogo. Para Antonio Damásio, a compreensão desses mecanismos biológicos está associada à capacidade de criação de imagens do corpo resultantes do fluxo comunicacional. O sistema sensório-motor e o raciocínio abstrato não são instâncias separadas na constituição humana, desta forma, uma suspensão do mapeamento do corpo, desativa a capacidade mental: "podemos imaginar esses mapas como coleções de correspondências entre todo e qualquer ponto do corpo e as regiões somatossensitivas" (DAMÁSIO, 2004, p.122).

O cérebro produz duas espécies de imagens do corpo: as *imagens da carne* provindas do interior do corpo (vísceras e meio interior) e *imagens de ondas sensitivas especiais* derivadas dos órgãos sensitivos periféricos (retina e/ou ouvido). Se o cérebro gerasse representações minuciosamente organizadas de qualquer parte do organismo a subjetividade humana e a consciência da própria existência estariam excluídas do processo de criação de imagens do corpo: "se nossos organismos fossem desenhados de maneiras diferentes, as construções que fazemos do mundo que nos rodeia seriam igualmente diferentes" (DAMÁSIO, 1996, p. 124).

Os processos que compõem o pensamento se apresentam sob forma de metáforas que constituem grande parte de nosso sistema conceitual. Compreendemos o mundo por meio de metáforas construídas por um corpo interatuante com variadas linguagens, tecnologias, estímulos e informações – o dentro e o fora do corpo dialogam a partir dos fluxos comunicativos. Nosso sistema cognitivo produz metáforas próprias a partir das interpretações e representações constituídas pela mediação sígnica na intersecção entre as imagens internas (procedentes de cada uma das modalidades sensoriais — visual, auditiva, olfativa, gustatória e sômato-sensitiva) e as informações do meio externo – entretanto, nossa mente não se encontra vazia no começo do processo de raciocínio.

A construção conceitual se estabelece primeiramente no corpo por meio de imagens internas que emanam do organismo, são *imagens construção* que se estabelecem no diálogo corpo-mente-cérebro e base para a mente: "a influência do

corpo na organização da mente também pode ser detectada nas metáforas que os nossos sistemas cognitivos têm criado para descrever os acontecimentos e qualidades do mundo que nos rodeia" (DAMÁSIO, 2004, p.216). A metáfora não está limitada a linguagem, mas a todo o sistema conceitual humano que se ocupa em representar algo ao mesmo tempo em que está representando seu próprio estado de mudança corporal. Na realidade, é o conceito metafórico que estrutura o que somos (sob a influência do meio) dentro de um espaço do qual fazemos parte.

> O organismo, como uma unidade, é mapeado no cérebro do próprio organismo, em estruturas que regulam sua vida e sinalizam continuamente seus estados internos; o objeto também é mapeado no cérebro, nas estruturas sensoriais e motoras ativadas pela interação do organismo com o objeto; tanto o organismo como o objeto são mapeados como padrões neurais, em mapas de primeira ordem; todos esses padrões neurais podem se tornar imagens (DAMÁSIO, 2000, p. 330).

As metáforas de conceituação do mundo provêm do próprio corpo que age como um sistema aberto e apreende as informações por meio de um intenso fluxo de imagens, construído conforme as interações estabelecidas com o ambiente e com outros corpos. Damásio (2000, p. 268) ressalta a importância do papel da emoção e do sentimento na tomada de decisões "a vida acontece dentro da fronteira que define um corpo [...] a parede seletivamente permeável que separa o meio interno do externo. Então, as metáforas permitem apenas um acesso parcial do acontecimento vivenciado/ imaginado, o que impossibilita uma explicação na íntegra, a experiência é um acontecimento pessoal e intransferível já que cada indivíduo percebe e vivencia o mundo de maneira única e particular.

Lakoff e Johnson (1999) afirmam que as experiências corporificadas básicas estão associadas às experiências sensório-perceptuais e correspondem às metáforas primárias, haja vista, não serem influenciadas pela cultura ou língua, ao contrário das metáforas complexas. O cérebro se divide em duas metades e cada uma comanda o lado oposto do corpo, não independentes entre si, um existindo e se sustentando em virtude do outro. Todavia, é praticamente impossível estabelecer de forma precisa as fronteiras entre corpo-mente-cérebro, devido ao fato de o corpo atuar conforme o seu próprio

funcionamento e o que ocorre no meio externo. A razão é co-evolutiva e está presente em outras espécies. Contudo, a razão humana é expressivamente imaginativa e vai se construindo a partir da relação corpo-ambiente e de metáforas conceituais caracterizadas conforme os itens a seguir: estruturais, ontológicas e orientacionais.

Nossas experiências básicas de orientações espaciais dão origem a *metáforas orientacionais* diretamente associadas às experiências de orientações básicas que organizam um sistema de conceitos associados a outro sistema de conceitos – aliás, quando recorremos a um conceito para a abordagem de outro, estamos nos utilizando de *metáforas estruturais* procedentes de mapeamentos complexos. As primeiras orientações espaciais decorrem da composição corporal humana (espaços internos) e do funcionamento interatuante com o espaço externo: quando o corpo se desloca no espaço, a memória elabora representações de estruturas recorrentes dos movimentos corporais, no entanto, essas memórias esquemáticas não requerem esforços racionais ou de consciência.

A construção de *metáforas orientacionais* acontece a partir de esquemas espaciais de oposição – dentro/fora, cima/baixo, frente/trás – não sendo arbitrários, porque se estabelecem de acordo com o contexto vivenciado. Do mesmo modo, as metáforas orientacionais organizam um sistema de conceitos, as metáforas ontológicas emprestam materialidade ao que em sua origem não é material para referenciar, categorizar, quantificar, situar aspectos. Neste sentido, novas tecnologias geram novas metáforas, observando que qualquer experiência com objetos físicos estabelece base para uma variedade expressiva de metáforas ontológicas, alterando nossas concepções de tempo e espaço (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Os conceitos de tempo e de espaço dependem do modo como estes são projetados, traçados, medidos, quantificados e representados. As *metáforas ontológicas* surgem das relações estabelecidas com as mais diferentes tecnologias que modificam a percepção, significação e representação do tempo e do espaço. De tal modo, podemos estar com a "corda" toda, mas sentir o tempo "escorrer" pelas mãos, sobretudo quando estamos com o tempo "cronometrado" e o relógio parece funcionar a nossa revelia –

"Passa, tempo, tic-tac/ Tic-tac, passa, hora/Chega logo, tic-tac/Tic-tac, e vai-te embora / Passa, tempo/ Bem depressa / Não atrasa/ Não demora[5]".

Não sabemos ao certo se a mão calejada do relojoeiro (trabalhador do tempo) é senhora do relógio, ou se o instrumento é que a escraviza. Da mesma forma, não sabemos se o "tempo derretido no espaço" abre novas possibilidades de vida, isto é, de usos dos tempos e dos espaços, ou se é a extensão sem fim do tempo, das obrigações que adiam para sempre o tempo das fruições – assim, o homem divide-se em suas relações com suas tecnologias e suas organizações dos tempos e dos espaços (Figura 01). As respostas talvez possam ser encontradas na observação das marcas deixadas nos corpos. A fala do corpo talvez diga mais do que qualquer outro discurso.

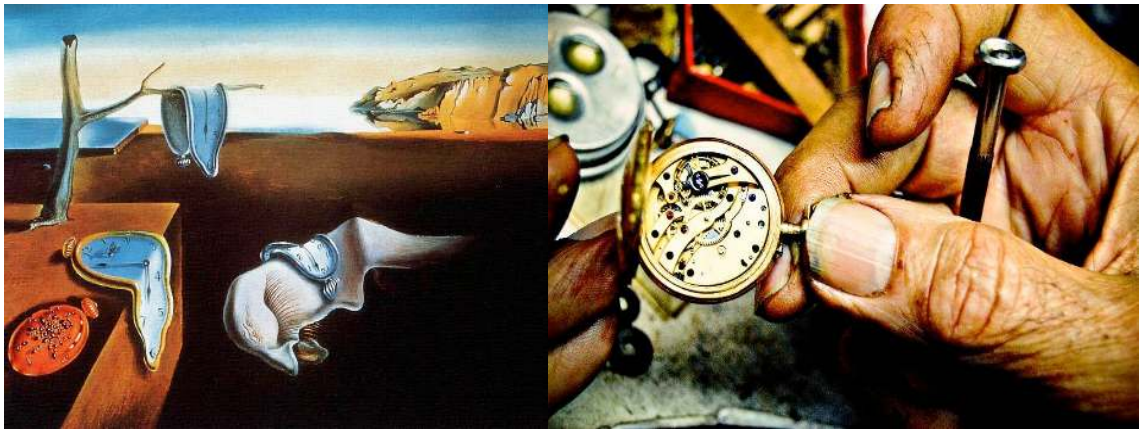


Figura 01: A invenção do tempo, as marcas no espaço

Primeira imagem: *A Persistência da Memória*, Salvador Dali, 1931. Óleo sobre tela. Acervo do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque/EUA. *O relojoeiro*. Letícia Nunes, 2009.

Segunda imagem: *O relojoeiro*, Letícia Palma Nunes, 2005. Fotografia integrante da exposição "Patrimônio Cultural: Ofícios Antigos em Porto Alegre" realizada pela equipe de pesquisa "Catando Milho" composta por Cármen Nunes (arquiteta), Rossanna Prado (antropóloga), Mário Furtado Fontanive (arquiteto) e Letícia Palma Nunes (fotógrafa).

A possibilidade de agir a partir de um conhecimento corporalizado demanda uma reorganização dos conceitos e um uso diferenciado do conhecimento. O corpo registra/ cria/recria/seleciona gestos, situações vivenciadas e informações variadas. O sistema

[5] O relógio (Vinicius de Moraes - Paulo Soledade). **A arca de Noé**. Toquinho e Vinicius de Morais. Vols. 1. Polygram, 1980.

conceitual é limitado, Entretanto, é um sistema em expansão, conforme as experiências acontecem, surgem possibilidades de construção de novos entendimentos em um contínuo processo co-evolutivo de possibilidades de movimento, pensamento, comunicação, linguagem, comportamento e aprendizagem.

Para designar o processo pelo qual sujeito e conhecimento se produzem mutuamente, Francisco Varela e Humberto Maturana (1997) [6] elaboraram o conceito de enação partindo da expressão espanhola *em acción* (em inglês, *to entact*). Varela, Thompson e Rosch (2001, p.33) definem que "a cognição não é a representação de um mundo preconcebido por uma mente preconcebida, e sim a enação de um mundo e uma mente com base numa história de ações diversas realizadas pelo ser no mundo". A inclusão da experiência na reflexão só é possível a partir da prática de *atenção/ conscientização* em que o sujeito se inclui no próprio ato de reflexão, estabelecendo um movimento de inversão sobre si mesmo correspondente às experiências vividas.

Sob essa preposição, é preciso que se altere a natureza da reflexão descorporalizada para uma reflexão corporalizada na qual mente e corpo atuam indissociavelmente: "a maneira pela qual o sujeito percebedor está inscrito num corpo, [...] que determina como o sujeito pode agir e ser modulado pelos acontecimentos do meio" (VARELA, THOMPSON & ROSCH, 2001, p. 235). O corpo funciona como um meio comunicativo composto por inúmeras possibilidades interpretativas, ao permitir a reinterpretação de questões já analisadas sob outras abordagens. A corporeidade abre um espaço de sensibilização e ressignificação do mundo, vincula tempo-espaço individual e tempo-espaço coletivamente instituído em um movimento no qual o sujeito interpreta a si, o outro e o mundo.

Por uma interpretação instauradora de espaços de ação

[6] Criadores da *teoria da autopoiese*: a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios como um sistema autônomo está continuamente se auto-produzindo e auto-regulando, mantendo interações com o meio que apenas desencadeia no ser vivo mudanças que sua própria estrutura cognitiva permite e não por um agente externo.

"Pois a única coisa que posso fazer, onde for, é construir meu próprio espaço".

Pedro Juan Guitiérrez

Um sistema interpretativo pode criar uma forma de explicação que requer uma construção conceitual própria. A interpretação pode constituir textos que vão além do que corriqueiramente é compreendido como texto – os visuais com que os corpos se oferecem como elementos móveis integrantes da paisagem, por exemplo, podem ser tomados como textos por uma interpretação construída de modo pertinente à intenção de constituir um novo objeto de análise.

Em uma interpretação de ação instauradora, conforme exposto por Rego, Suertegaray e Heidrich (2003), o exercício compreensivo ultrapassa a análise do passado relacionado a determinado "texto" e acentua a tentativa de compreensão da energia de agenciamento desse "texto" em relação a significados e ações, que podem não estar dados como o presente mais comumente concebido, mas podem estar, nesse presente, contidos e atuantes como possibilidades.

Interpretações instauradoras de fatos novos, no geral constituem-se em exercícios dialógicos entre os sujeitos envolvidos em determinados processos sociais – exemplifica-se essa ideia na construção de significados por movimentos sociais do campo e da cidade, onde as próprias concepções do que seja campo e do que seja cidade podem estar em movimento. Desse modo, Rego, Suertegaray e Heidrich (2003) enfatizam que interpretações instauradoras de fatos novos ampliam o objeto constituído como objeto do exercício do compreender, trazerem à cena e ao diálogo significados projetivos e imaginativos.

> São fatos geográficos que contextualizam a vida de uma pessoa e que influenciam fortemente a sua vida. Assim, como os alimentos, o ar que se respira, o silêncio ou barulho, etc, e tantas outras condições de vida. Só que estes fatos vividos pelas pessoas (...) podem permanecer sempre no nível desse primeiro texto, ou de texto imediatamente manifesto – esses fatos não são inter-relacionados conscientemente pela maioria das pessoas, no seu dia-a-dia (REGO; SUERTEGARAY, HEIDRICH, 2003, p. 280).

A realidade é uma construção social e, nesse processo, tempo e espaço são princípios da compreensão. Uma construção epistemológica que considere tempo-espaço como uma categoria integrada de análise, pressupondo o atributo da indissociabilidade entre tempo e espaço, torna-se indispensável. A ação interpretativa não se dá sobre uma modelo geral prévio, porém, como um movimento de ressignificação. Uma alteração na explicação da realidade é também uma reformulação nas formas de perceber e representar tempo e espaço.

O corpo contém a totalidade em si, uma composição que ultrapassa suas partes e está em permanente construção. Nesse movimento interpretativo, os sujeitos atuantes colocam-se como centros relativos do mundo, ou seja, instauram de outra maneira, em alguma medida, a relação de seu lugar no mundo com a totalidade do mundo[7]. Os indivíduos exercitam-se como sujeitos na interpretação de si na relação com o mundo. Para tanto, podem encontrar na geografia um veículo fundamental para o exercício compreensivo e o texto interpretado pela geografia é o espaço geográfico.

A epistemologia da existência proposta por Milton Santos abre inúmeras possibilidades trazendo consigo uma geografia mais complexa que parte das coisas simples, na qual diferentes perspectivas epistemológico-axiológicas asseguram apenas a disjunção produzida e reproduzida por antagonismos tornados estanques, o híbrido sistema composto pela interpenetração de sistemas de objetos e funções – segundo a ideia continuamente sintetizada e desdobrada pelo autor, ao longo de sua obra. Milton Santos convida-nos a realizar uma análise espacial do cotidiano – como *quinta dimensão* do espaço e referência para novas esperanças da sociedade – a partir de três ordens (técnica, jurídica e simbólica), três modos de agir (técnico, instrumental e afetivo) e três dimensões humanas (a corporeidade, a individualidade e a socialidade).

> O espaço considerado primeiro como tendo duas dimensões, depois como tendo três, depois conforme Einstein, como tendo quatro dimensões, tem também uma quinta dimensão que é o cotidiano. O espaço tem esta quinta dimensão. Mas, sobretudo, o cotidiano tem como dimensão essencial no mundo de hoje a dimensão espacial. A dimensão espacial é a dimensão talvez central do cotidiano do mundo de hoje (SANTOS, 1996, p.83).

[7] Os físicos pré-socráticos faziam uso do termo *physis* para denominar a totalidade do mundo.

Para Santos (2002) é necessário desenvolver uma teoria para a geografia dotada de conceitos e instrumentos de análise que se encaixem uns nos outros de modo que possam transitar entre o particular e o universal. A escala do corpo permite, nesse exame geográfico, que diferentes possibilidades sejam exploradas. O corpo é a escala elementar porque toda experiência espaço-temporal possui uma corporeidade e é percebida de forma diferenciada visto que varia e se transforma de acordo com quem a incorpora. A materialidade do corpo como *locus* de significação reflete como a sociedade apropria-se do tempo-espaço em que faz parte e como isso pode ocorrer desigualmente (Figura 02).



Figura 02: O tempo da mulher, o espaço do feminino e o corpo da divindade

A festa de Santa Bárbara abre os cortejos religiosos na cidade de Salvador/Bahia. Para os adeptos do Candomblé e outras religiões afro-brasileiras, é dia de celebrar Iansã, a Deusa dos raios e tempestades, que representa a resistência e a força feminina. A corporeidade feminina figura como um dos principais elementos ético-estéticos das religiões afro-brasileiras e as celebrações imprimem outro ritmo e estética diferenciada, a fé é incorporada pelos gestos, vestimentas: a afirmação ético-estética é expressa na ocupação do espaço público pela união dos corpos. Outrossim, se a suntuosidade de suas vestimentas e adereços se configurou como uma forma de transgressão à etiqueta social da elite colonial e um legado deixado pelas primeiras negras e mestiças libertas (as escravas não podiam se vestir como as damas) a perversidade da condição social da mulher negra é ocultada por este *glamour.* O *glamour,* que ilumina e oculta, manifesta-se no mesmo espaço.
Fotografia: Camila Xavier Nunes. Edição: Juliana Cunha Costa.

O corpo como meio comunicativo percorre inúmeras possibilidades interpretativas, seus agenciamentos podem constituir novas intersubjetividades e

experiências no espaço vivido – mesmo que estas sejam influenciadas pela norma. O corpo enquanto conceito expandido extrapola a sua fisiologia, o próprio eu é também constituído pela corporeidade e, o conceito de espaço como dimensão das coexistências possíveis, ultrapassa a representação homogeneizante, regula e reúne diferentes ações e os usos do tempo social, tendo em vista nossa capacidade de desenvolvermos meios de incorporar espacialidades ao nosso *modus vivendi* no espaço.

A corporeidade é um instrumento da ação humana sobre o meio e da ação simbólica sobre o ser humano, traz consigo o conhecimento da prática e a capacidade de projeção imagética, apoiada em metáforas corporificadas e evocações topológicas. Doreen Massey (2009) [8] defende uma abordagem alternativa do espaço através três proposições básicas: a compreensão do espaço como produto de interações, a imaginação do espaço como esfera que possibilita a existência da multiplicidade e o espaço como processo. O corpo e o espaço abordados como dimensões epistemológicas são importantes instrumentos analíticos para que espacialidade, a corporeidade e a diferença sejam reconhecidas no processo de significação: "conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado e sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política" (MASSEY, 2009, p. 95).

O espaço é estabelecido na própria consciência do eu. A escala do corpo contém o mundo que a cerca, pois "a corporeidade humana integra em si diversos tempo-espaços, e a sua arqueologia reúne camadas evolutivas que compõem a estratigrafia de cada indivíduo, pois incorpora história, memória, racionalidade e afetividade" (NUNES, 2007, p. 162). Oferece a possibilidade de se imaginar espaços que evidenciam seus significados como extensão do corpo e do eu, pois as informações estão no corpo e no espaço como instâncias interligadas.

Uma nova política do espaço requer um novo paradigma ético-estético que não considere o espaço apenas como representação, mas como prática da experiência humana na diferença, através de espacialidades que congregam fluxos, passagens,

[8] MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política de espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

descontinuidades e conexões que agenciam uma totalidade muito além da soma das partes. Uma leitura ativa do mundo é aquela que inclui a si próprio na constituição de fatos do cotidiano e do simbólico, ultrapassa o caráter contemplativo de uma busca da verdade do mundo: "nesse sentido, o texto da geografia é nada mais, nada menos que o mundo, visto sob a perspectiva da contínua construção do espaço geográfico" (REGO; SUERTEGARAY, HEIDRICH, 2003, p. 280)

A educação (do) sensível e o ensino de geografia através de imagens

"A dobra do corpo sobre si mesmo é acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários."

Félix Guattari

As práticas espaciais e temporais são bastante complexas, o confronto pelo olhar e o viver do outro fazem com que se retome e se reflita acerca do tempo-espaço como construção social e, principalmente, como experiência. Uma educação que prepare para a instabilidade do mundo se torna fundamental. Aprender sobre si e a partir de si para tentar entender o mundo. Pensar pela paixão, seduzir-se pela descoberta e se redescobrir perante ela. Interrogar, questionar, duvidar e partir, mesmo sem saber o que irá encontrar.

Compreender os acontecimentos em sua diversidade de interpretações aproxima-nos de uma maior sinceridade na busca pelo conhecimento. A experiência não se adquire, vivencia-se, toma-nos quando estamos dispostos a perder o controle e nos deixamos ser tomados pela vontade de aprender - "[...] trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude" (BONDÍA, 2002, p.27).

Ao viajarmos pensamos a viagem, nos organizamos, projetamos ações, criamos expectativas. E, ao avançarmos no caminho, o imprevisto e a incerteza surgem para desfazer o que organizamos. Embarcar pelo conhecimento exige os preparativos de uma viagem, além da aceitação do vir-a-ser, do que não temos idéia ou controle: "[...] o aprendizado abre no corpo um lugar de mestiçagens, para ser preenchido por outras pessoas" (SERRES, 1993, p.40).

Um novo sentido à existência requer uma atitude ético-estética na qual o corpo é simbolizado como espacialidade – ponto de partida, conexão e fronteira – que interliga o eu aos saberes. A relação entre sociedade e espaço compõe uma totalidade em fluxo, em seus entremeios o sensível atua. A existência como construção estética está diretamente associada à ética como exercício reflexivo, onde o corpo pode atuar como base para experiências.

> Precisamos desenhar novos mapas para compreender a geografia do corpo, com sua espacialidade diferenciada, possível porque se move e, ao fazê-lo, ao mover-se, coloca em cena diferentes possibilidades de abordagem, diferentes lugares, com diferentes perspectivas espaciais e temporais [...] (NÓBREGA, 2005, p. 612).

O ensino de geografia praticado sob a perspectiva da contínua e ininterrupta construção do espaço geográfico integra significativas possibilidades de se trabalhar com representações. Para isso é preciso deslocar a ação cotidiana para o saber do sensível: "[...] a presença de imagens é de grande importância no modo como pensamos e agimos na realidade, no espaço geográfico" (OLIVEIRA JR, 2009, p. 18). A imagem cria um adensamento, produz um real a partir do recorte que se produz de um acontecimento, em um determinado lugar, sob um determinado contexto, focalizado em um momento específico. A potência simbólica de uma imagem concede ao observador inúmeras possibilidades de comunicar interpretações que se deslocam da imagem para a compreensão do mundo.

> Todas essas derivas buscam apontar devires possíveis ao pensamento geográfico a partir da potência que a mirada sobre as imagens traz até ele, atravessando-o com novas possibilidades de criação; com um punhado de geografias menores que brotam das colisões, dos embates e das aproximações entre os estudos que apontam a forte presença de uma educação pelas imagens nos dias atuais e os pensamentos acerca do espaço geográfico que surgem dela (OLIVEIRA JR, 2009, p. 27).

Uma imagem apresenta, a quem a observa, possibilidades para comunicar fatos, acontecimentos, construir uma narrativa. Fotografias, ilustrações, maquetes, esculturas, filmes e documentários são importantes recursos imagéticos que podem ser didaticamente utilizados para a construção de significados - "[...] depreende-se, daí, a

importância da construção de um diálogo mais efetivo entre a teoria do espaço com a teoria da imagem, como instrumento de leitura e interpretação da sociedade contemporânea" (BARBOSA, 2000, p. 76).

A narrativa centrada na fotografia incursiona por subjetividades e sutilezas e, devido ao seu caráter polissêmico, instaura jogos de sentido que não estão presentes na linguagem textual. A imaginação integra nossa estrutura cognitiva como importante componente de equilíbrio psicossocial – "diante de uma nova atividade da sociedade cientificista e iconoclasta, eis que a mesma sociedade nos propõe os meios de reequilibramento: o poder e o dever de promover um intenso ativismo cultural" (DURAND, 1988, p. 105-106).

As representações são portadoras de um sistema de ideias que construímos para dar sentido à nossa existência e ao mundo ao nosso redor. Sob esse prisma, a materialidade do corpo ausente pode se tornar presente.

Sugerimos um exercício simples. A partir de duas fotografias contrastantes (Figura 03), imagine-se que estamos realizando um *zoom, o* que possibilita visualizar além do que as imagens tecnicamente permitem, e que, mesmo sem a presença do corpo na composição de cada fotografia, conceba-se quem habita aqueles espaços tão diferentes, mas que integram um contexto maior, a coexistência na mesma cidade. Como vivem as pessoas que habitam os lares mostrados nas imagens? Como dormem, se alimentam, se relacionam? Qual a relação que possuem com sua casa? Com a rua e o bairro? Como são as relações de vizinhança? Uma proposta interessante é ir além da confrontação das imagens e da projeção do *zoom* imaginativo e propor que o aluno elabore (fotografando, desenhando, pintando) uma terceira imagem.



Figura 03: Trazendo visibilidade ao invisível

Primeira imagem: Periferia de Salvador – Bairro Tancredo Neves/ Salvador-BA Fotografia: Camila Xavier Nunes, 2005. Edição: Sidney Falcão.

Segunda imagem: Salvador vista da Baía de Todos os Santos. Camila Xavier Nunes, 2009.

Assim, como o *zoom* imaginativo, a criação de escalas imaginativas para abordar temas inter-escalares, é um exercício interessante para ser realizado com o método das *cinco peles do humano* desenvolvido por Hundertwasser[9]: a primeira pele, a epiderme; a segunda pele, a roupa; a terceira pele a casa; a quarta pele, identidade social e a quinta pele, a planetária (Figura 04). Para Hundertwasser cada pele é uma esfera do ser, composto por camadas que se inter-relacionam numa abordagem que percorre diferentes escalas: "as cinco peles de Hundertwasser são um plano de vida— e mais: uma reflexão profunda do ser e estar sobre a terra, colocado em prática ao longo de sua jornada artística" (BARROS, 2008, p.06).

A elaboração de uma cartografia *das peles do humano* conforme escalas imaginativas é uma proposta peculiar, que possibilita aos alunos fotografar, desenhar e esculpir cada camada (corpo, roupa, casa, família, ambiente) e compor uma colagem, ilustração e/ou escultura. As camadas podem ter suas ordens alteradas a depender do critério escolhido (afinidade, grau de importância, etc) e das concepções e relações categorizadas.

[9] Artista visual e ambientalista austríaco Friedrich Stowasser, mais conhecido pelo nome de Friedensreich Hundertwasser.

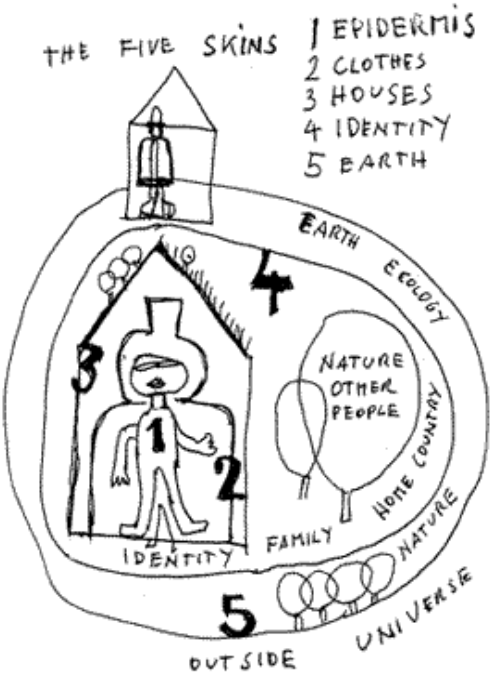


Figura 4: Hundertwasser e o método das cinco peles do humano[10]

As histórias em quadrinhos (HQs) são bons materiais para trabalhar com narrativas visuais. Devido ao seu potencial imagético e sua linguagem lúdica, podem ser meios didáticos muito atrativos e criativos, ainda mais se, após a leitura de HQs, for proposto aos alunos produzirem sua própria história em quadrinhos, conduzidos por um tema gerador, e que a ilustrem (desenho/pintura/colagem) com personagens e linguagens próprias do seu cotidiano. Um exemplo bem elucidativo são os personagens criados pelo cartunista Sidney Falcão. *Os Miudins* retratam a vida na periferia de Salvador, revelando vivências através de mais de três décadas no bairro Tancredo Neves. O cartunista se inspirou em tipos curiosos e peculiares que serviram de inspiração para criar os personagens de seus HQs (Figura 05).

Seus desenhos estão intimamente associados aos grupos sociais nos quais as experiências de vida do autor inserem-se. Sua abordagem é necessária para a constituição de pertencimento étnico-cultural e socioespacial. Em nosso país, a construção simbólica que envolve a população negra ainda se situa na opressão, na segregação e nos estigmas preconceituosos historicamente constituídos, assim como na

[10] RESTANY Pierre. **O poder da arte – Hundertwasser**: O Pintor-rei das cinco peles. Lisboa, Taschen, 1999.

ausência imagética do negro como personagem positivo nas narrativas. Imagens contribuem de maneira decisiva para a construção de uma familiaridade – aquilo que estiver menos presente nas imagens, possivelmente estará mais distante do afetivo. É uma salutar exceção que heróis de HQs tragam à visibilidade e ao sentimento positivo os corpos e as cores das crianças da periferia urbana.

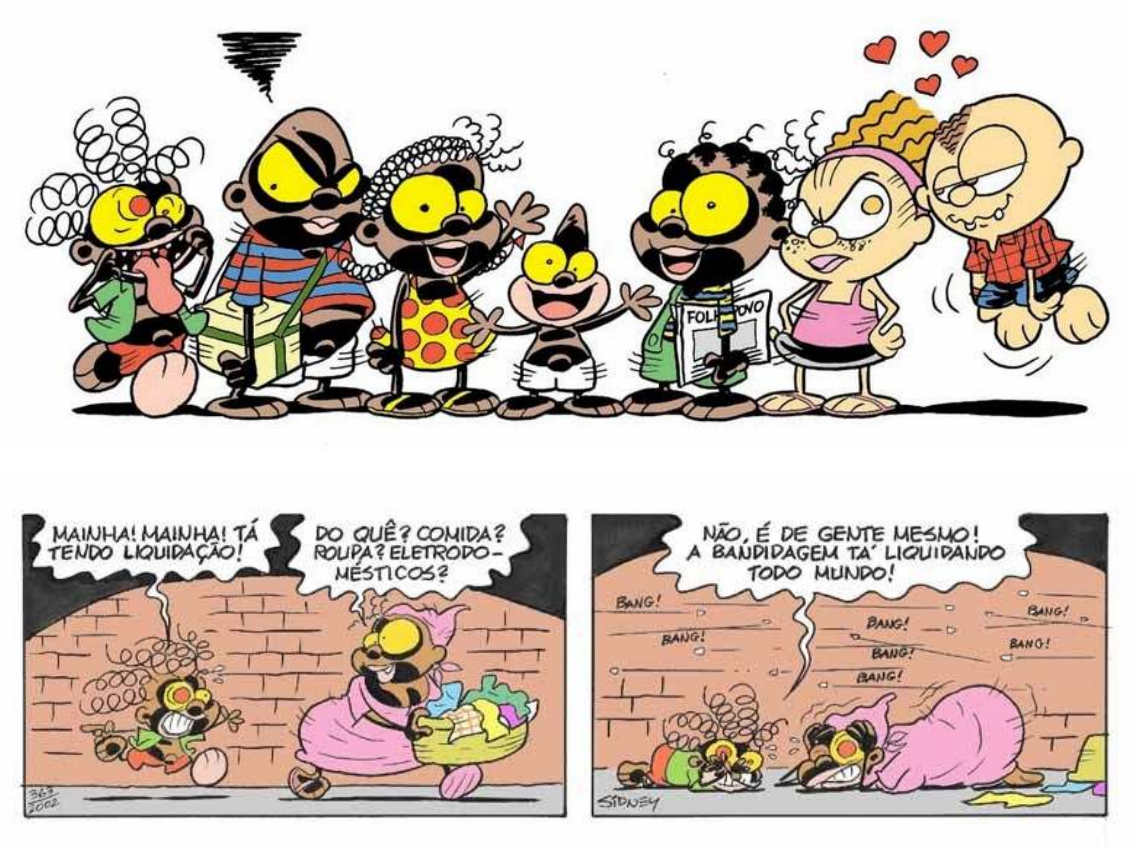


Figura 05 – Miudins e a estética da periferia

> Um indivíduo que tenha a sua sensibilidade desenvolvida, os seus sentidos despertos e educados para captar as nuanças qualitativas do cotidiano, por certo se recusará a compreender o mundo e a vida tão-só no modo de uma especialidade científica ou mesmo filosófica. Procurará, ao contrário, integrar em seu viver as diferentes modalidades do conhecer humano, tanto convocando para o seu dia-a-dia o conhecimento obtido em tratados e laboratórios, quanto emprestando a este as colorações captadas sensivelmente em seu cotidiano (DUARTE JÚNIOR, 2006, p 202).

A educação (do) sensível vai além dos aspectos lógico-racionais da mente porque atua a partir da relação experiência/sentido e converge para dimensões sensíveis, estésicas, estéticas. A dimensão estética institui um fecundo espaço de sensibilização no

processo de ressignificação e na constituição de novas subjetividades, uma interpretação instauradora estabelece novos domínios discursivos e produzem sentidos de acordo com uma estética da existência. A aprendizagem vista sob essa perspectiva, possibilita a geração de ambiências que levam à produção de conhecimento por meio da ação e reflexão sobre os processos que o compõem, expõe um saber corpóreo a partir do resgate da condição humana e da construção intersubjetiva do significado, dissipa qualquer dicotomia que possa existir entre a razão e a emoção. O compartilhamento de significados e a criação de sentidos geram intersubjetividades produtoras de novos e importantes espaços de ação.

Algumas considerações

Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.

Antonio Machado, *Proverbios y cantares, XXIX*

As geografias do corpo são reivindicadoras de novas espacialidades. Exploram relações do corpo com o espaço, do corpo com outros corpos e do corpo consigo mesmo. Uma nova práxis em que a imaginação simbólica está presente na experiência corporificada como ponto de partida para analisar a participação humana em mundo cultural e a instauração de espaços de ação, espaços estes que estão associados à linguagem, significações, representações e imaginários. O espaço como dimensão epistemológica – ponto de partida, fronteira e conexão associa a produção do conhecimento à constituição de uma interpretação instauradora.

A incorporação de imagens como recursos de leitura do espaço geográfico amplia a interpretação da realidade social, por trazerem consigo representações e serem compostas por sistemas de signos, que muitas vezes encontram-se inscritos no próprio corpo. O ensino de geografia como reinvenção do cotidiano e das formas de perceber e representar o espaço, no qual o sujeito se coloca como centro relativo de uma geografia, permite o movimento de sair de si, de seu entorno, para conhecer outras geografias. A

diferença amplia nossos referenciais. A educação (do) sensível instaura um novo paradigma de aprendizagem, em que cada sujeito estaria apto a perceber o outro na diferença e com ele: aprender a diversidade que encontra sua raiz na corporeidade em comum.

Sendo assim, a apreciação de um conhecimento incorporado requer um novo paradigma ético-estético que envolva a corporeidade e as subjetividades no cerne do processo educativo. Um conhecimento que instaure espaços de sensibilização e ressignificação do mundo – constituindo feixes de possibilidades, eixos de coexistências.

Referências

BARBOSA, Jorge L. A. Arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário Social. Universidade Federal Fluminense GEOgraphia – Ano. II – No 3 – 2000.

BARROS, Bianca Bernardo. A Fábrica de Peles: Hundertwasser e o caminhar contemporâneo. 2008. *99f*. Dissertação (Mestrado em. Artes) — Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: n. 19, p. 20-28, jan./abr., 2002.

CSORDAS, Thomas. Corpo/significado/cura. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DAMÁSIO, Antônio. Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. O Erro de Descartes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DUARTE JR., João Francisco. O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível. 4ª Ed. Curitiba, Criar Edições, 2006.

DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix, 1988.

FALCÃO, Sidney. Miudins – 30 anos de periferia. Salvador: Editora Cedraz, 2010. Vol.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 2008. 5º ed.

GUITIÉRREZ, Pedro Juan Gutiérrez. Animal tropical. São Paulo, Companhia das letras, 2002.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, Antonio. Poesías completas. 4ª. Ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1936.

MASSEY, Doreen B. Pelo espaço: uma nova política de espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. De máquinas e seres vivos: a autopoiese, a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. Educ. Soc. Campinas, v. 26, n. 91, ago. 2005.

NUNES, Camila Xavier. Um diálogo entre espaço e corpo em Salvador. 2007. 183f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

OLIVEIRA JR. Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografia menores. Pro-posições, Campinas-SP, v. 20, no. 3. 2009.

REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce; HEIDRICH, Álvaro. O ensino de geografia como uma interpretação instauradora. In: REGO, Nelson; AIGNER, Carlos; PIRES, Cláudia; LINDAU, Heloísa (org.). Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2003. p. 275–310.

RESTANY Pierre. O poder da arte – Hundertwasser: O Pintor-rei das cinco peles. Lisboa, Taschen, 1999.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. São Paulo, EDUSP, 2002.

_____. Revista Teoria & Debate – N. 40, fev/mar/abr de 1999. Entrevista concedida a por José Corrêa Leite. Disponível em:<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=1106> Acesso em: 29 nov. de 2010.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. Boletim Gaúcho de Geografia, Porto Alegre, n. 21, p. 72-88, ago. 1996.

SERRES Michel. Variações sobre o corpo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SERRES, M. Filosofia Mestiça. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

VARELA, Francisco, THOMPSON, Evan & ROSCH, Eleanor. A Mente Corpórea: Ciência Cognitiva e Experiência Humana. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

Recebido em 15 de fevereiro de 2011
Aceito para publicação em 21 de março de 2011